ANO 14.º—N.º 726. O Jornal de maior tiragem e expansão no Concelho Guimarãis, 30-Dez.º de 1945

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da Rainha, 56 A — 1.º e 2.º Andar — Telef. 4313. Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranense — Telef. 4177 — Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

AVENÇA

dade Martins Sarmento

Guimarães

A traficância do Mercado Negro

Como estamos em maré de dar as Boas-Festas, entendi não deixar de cumprir tão antiga tradição perante os Agentes do Mercado Negro, êsses *benfeitores* sem os quais a Humanidade muito teria de sofrer...

Porém, antes de o fazer, pretendo justificar a minha resolução com alguns factos de que recentemente tive conhecimento e que são, sem dúvida, reveladores da *generosidade* dos tais *benfeitores* ou *beneméritos*. E para não importunar os meus estimados leitores, limitar-me-ei a citar, apenas, três dêsses factos, nenhum passado comigo ou pessoa de minha família, mas todos verdadeiros.

1.º — Certa mulher, bastante pobre, tinha uma filhinha, de poucos meses, à qual não amamentava por falta de leite. Assim, gastava com ela mais açúcar do que a *receita* do racionamento. Em determinado dia, muito aflita, com a criancinha nos braços, dirigiu-se a uma mercearia e pediu 250 gramas de açúcar, obtendo como resposta um terminante «**não há**». Como outras pessoas estivessem presentes, a mulherzinha não insistiu, mas conservou-se no estabelecimento e, entretanto, notou que uma senhora, chegada mais tarde, conseguiu açúcar, depois de *cochichar* ao ouvido do *honrado* comerciante. Então, aguardou que ficasse só e voltou a renovar o seu pedido, alegando que a tal senhora também havia sido atendida e que não fazia questão de preço. Nessa altura, o *honesto* membro da classe comerciante forneceu-lhe 250 gramas de açúcar mediante a bagatela de **6$00 !!!**

2.º — Uma dona de casa comprou arroz numa mercearia ao preço de 13$00 o quilo; passados cinco dias, voltou lá, mas o arroz — a-pesar-de ser a mesma qualidade — já custou mais 1$00 em cada quilo. Alguns dias após o referido *aumento*, dirigiu-se ao mesmo estabelecimento, pediu a mesma qualidade do arroz anterior, no que imediatamente foi atendida, e, quando ia para efectuar o pagamento, foi-lhe dito que era a 15$00 o quilo!!!

3.º — Uma outra pessoa pretendia conseguir uma determinada qualidade de arroz e, depois de informada onde poderia encontrar o que desejava, para lá se dirigiu e ficou surpreendida com tanta fartura de sacos cheios e para todos os *paladares*. Servida com a qualidade e quantidade que desejava, pagou cada quilo a 15$00 !!!

Os pontos de admiração substituem os meus comentários, o que, todavia, não quere dizer que os mesmos sejam feitos pelas pessoas que lerem estas Obras de... infernal especulação! E depois dêstes exemplos, passo a cumprir a minha promessa, isto é, a dar as Boas Festas aos especuladores do Mercado Negro, fazendo-o com muito agrado, com a fiel transcrição de uma notícia de Paris, datada de 21 do corrente mês.

Ei-la:

«**A GUILHOTINA**

vai funcionar em FRANÇA

para executar os traficantes do MERCADO NEGRO?»

Paris, 21 — Se o Govêrno, na sua reünião de àmanhã, aprovar a proposta que lhe foi apresentada pelo Ministro da Justiça, Pierre Henri Teitgen, a guilhotina será usada para executar os traficantes do "mercado negro„ francês. A proposta de pena de morte para os chefes do «mercado negro», apresentada na reünião de terça-feira do gabinete pelo enérgico ministro dos Víveres, Tanguy Prigent, regressa ao gabinete para decisão final, depois de elaborados os pormenores por Tettgen. O Ministro da Justiça propõe que os chefes sejam julgados nos tribunais vulgares do crime e não num tribunal especial, o que corresponderia à execução por fuzilamento. — R.»

Embora não seja simpatizante com a pena de morte, não me repugna que seja ela o único *prémio* dos traficantes do «Mercado Negro» português».

Por que não?

M. M.

António de Carvalho Cirne

Não foi surprêsa a morte de António de Carvalho para quem conhecia as suas doenças, idade, e os grandes sofrimentos que há muito suportava com santa resignação.

Os seus amigos ou sejam tôdas as pessoas que o conheciam, sentiram o mais profundo desgôsto com a sua morte por verem desaparecer, além do amigo, um dos raríssimos restantes fidalgos portugueses que sempre honrou o sangue dos seus antepassados e o de português, mantendo, através dêste péssimo clima em que vivemos, o mais puro carácter que só lhe permitia praticar actos de bondade, de lealdade e de correcção.

Escrevia com muita facilidade, perfeição e clareza, tanto nos jornais como aos seus amigos.

Nas cartas que a êstes dirigia, nos momentos das suas alegrias ou tristezas, imprimia uma natural sentimentalidade que as tornava comoventes e de uma especial beleza.

Tinha uma graça muito natural, nada forçada, havendo sempre, em todos os seus muito espirituosos ditos, a precisa delicadeza e finura para nunca ninguém se poder ofender.

Era um bom; e, se algum defeito tinha, era o de possuír bondade em demasia.

E assim se vão reduzindo os homens que, como êste, tinham raras qualidades.

Guimarãis, 25-12-45.

Alberto Cardoso de Meneses Macêdo.

Quer ser elegante?

Modernize o seu penteado visitando hoje mesmo o

"Salão Vitória„

Perfeita execução em todos os trabalhos de Beleza: **Pintura e Platinados.**

Cabeleireiro de Senhoras

(1051) Rua de S. Dâmaso, 83-1.º Guimarãis — Telefone, 4426

INFINITO

Êste mal, o meu mal, não terá cura.
Não tem cura nem fim
esta amargura
que trago em mim.
Êste mal, o meu mal, insistente e revesso,
nem começou no berço
nem findará na sepultura...
E' mais antigo,
é mais profundo...
Já andava comigo
quando Jesus andava pelo mundo!...

O mistério sombrio da existência,
as lutas da consciência,
o combate do instinto e da razão,
e no remoïnhar do coração
a dúvida, o despeito, a decepção e o ciúme
queimando como lume!
¡¿ E as ilusões perdidas às mãos-cheias?!
E as misérias alheias,
os desastres morais dos que estimamos
ou admiramos,
ruínas e destroços,
que nos pesam também como se fôssem nossos!
A dôr que nos procura sem temor
e a que nós procuramos com ardor,
dôr que se exala e se respira
através da verdade e da mentira...
E o remorso brutal, o verrumar soez,
naquilo que se fêz — ou se não fêz!
O querer inconstante, a vontade insubmissa,
fome de amor e sêde de justiça,
o orgulho esmagado, a vaidade ferida,
o fantasma da morte e o cansaço da vida,
a renúncia, o terror, a nostalgia, o tédio,
as mágoas sem confôrto, as chagas sem remédio,
preconceitos hostis, as paixões mais insanas
— sumário crucial das tristezas humanas...

Êste mal, o meu mal, tão renitente,
feito do pior mal de tôda a gente,
é infinito, é, na realidade...
Tôdas as penas, tôdas as desditas
que me consomem,
são infinitas
em sua imensidade,
porque eu descendo do primeiro homem
e caminho direita à Eternidade!

LUDOVINA FRIAS DE MATOS.

POR CAUSA DE UM ENGANO...

Sentado à secretária, o Dr. Valentim de Morais repousava a fronte fatigada entre as suas belas mãos, quási milagrosas, enquanto um monte de papeis esperava em frente.

O cansaço que o dominava era visível.

O dia fôra trabalhoso. Fora as suas consultas, e as lições na Faculdade, tivera ainda duas operações, mas uma tão difícil e melindrosa que lhe deixara os nervos combalidos a-pesar-do triunfo.

Em frente o papel, branco e convidativo, esperava, tendo ao lado os lápis bem aparados.

E' que novo trabalho era preciso começar. O Dr. Valentim partiria em breve para o estrangeiro a-fim-de tomar parte em um congresso médico, e as suas comunicações, tão apreciadas, escrevia-as êle pela noite dentro, quando o fogo sagrado da inspiração e amor ao seu ofício o animavam; porém nessa noite, com a fronte, de feições nobres, apoiada nas mãos, sentia uma lassidão infinita, um esgotamento de nervos que não procurrva vencer.

Saír, divertir-se, não estava no seu feitio. Quando muito um pouco de boa música no seu rádio, mas só os livros e o trabalho o empolgavam, por isso para ali se ficava repousando alguns minutos até que o equilíbrio dos seus nervos de lutador vencesse o excesso de cansaço.

Recomendara à criada — a vélha Verónica que o criara e amava como filho, e era hoje a sua única família — que não estava absolutamente para ninguém, e fechara-se para trabalhar, mas nem sempre o corpo pode obedecer ao espírito, e mesmo naquele momento corpo e espírito requeriam quietação e sossêgo.

Mas de repente, sôbre a secretária a campaínha do telefone retiniu. Teve um estremeção brusco, quási como se uma dôr súbita o atacasse, ou dois vidros riscassem um contra o outro chocando-lhe a aguda sensibilidade.

Não atendeu logo. Parecia-lhe incrível que quando precisava de tão absoluto repouso o viessem incomodar, e mais incrível ainda que, tendo necessidade de trabalhar em absoluto silêncio, se esquecesse dêsse infatigável bisbilhoteiro que o perturbava agora.

O telefone impaciente continuava retinindo.

Resignado, estendeu a mão e preguntou de péssimo humor:

— Está?...

Do outro lado do fio uma voz harmoniosa de mulher inquiriu:

— E' do gabinete do Sr. Doutor?

— Sou eu mesmo, minha senhora, que deseja?

A resposta saíu em um tom rabugento, ao qual não procurou dar o mais leve resquício de amabilidade.

De novo a voz feminina insistiu:

E' do Hospital de alienados que falam?

— Não, minha senhora, aqui não é da casa dos doidos, mas doido ficarei se me não deixam trabalhar em sossêgo...

Uma gargalhada argentina e irreprimível soou, mas logo a voz melodiosa se lhe seguiu com pesar:

— Peço perdão, Sr. Doutor, por êste engano inexplicável, mas a-pesar-de procurar falar para lá — e a voz tomou uma entonação gaiata — também não sou doida nem aspiro a tal lugar, sòmente queria dar um recado de meu pai ao nosso velho amigo Dr. Proença, que, como me estima desde pequena — e aqui a voz redobrou de ironia — tem infinita paciência para me aturar, mas logo pelo engano da menina dos telefones fui caír em casa de um senhor muito atarefado que me está dando a mil demónios, e com razão.

Leve sorriso bailava agora nos lábios do Dr. Valentim ante êste palrar despreocupado, e foi já com uma ironia um tanto benévola que respondeu:

— Muito bem, vejo que não teve culpa e está por isso desculpada, mas êsse epíteto de «senhor atarefado» tenho a certeza de que não é o que lhe estava na mente. Confesse que lá no seu íntimo me alcunhou de velho urso rabugento...

Uma nova gargalhada soou, e tentou prostestar:

(Continue na 4.ª página)

Brinquedos

Em certo filme que foi há pouco num cinema daqui, tratava-se apenas de mortos e atentados, de canhões e fusilaria... Era uma comédia... em que morria imensa gente; uma tragédia com laivos de ridículo provocando gargalhadas.

Não; nem o do Charlot *nem o do malogrado* Leslie: *êsses eram de classe superior.*

Mas não me proponho fazer

a crítica do filme; desejo apenas fixar um pormenor passado na sala.

Atrás de mim, encontravam-se uns quatro ou cinco rapazes entre 12 e 16 anos.

E aqui está o que me chocou: o frénesi, o entusiasmo, a alegria ruïdosa e sincera que êles demonstravam quando o "herói„ tombara o adversário, enterrando-lhe a baioneta pelo peito dentro ou varrendo, a metralhadora, os pelotões que caíam como pássaros desorientados.

Os jovens espectadores davam palmas, soltavam interjeições, não podendo reprimir o prazer que sentiam em ver matar e ver morrer.

A propósito, e com a devida vénia, transcrevo um soneto que a inspirada pena da grande poetisa que é Marta de Mesquita da Câmara traçou em "O Primeiro de Janeiro„:

A Carta do Menino

"Pai Natal:

Não me mande bonecos nem balões,
a que eu não dou aprêço nem valor...
Manda-me antes um grande cruzador,
com faróis e vigias e canhões!

Ou então das modernas construções
em que as mãozitas, dois botões em flor,
aprendem com prestezi e a primor
a construír engenhos e aviões!„

Pode a carta conter os disparates
de um "estilo-bébé„, "tate-bitates„
— a técnica é segura, já não erra!

Ao lê-la, o Pai Natal um voto faz:
— E' que os homens se entendam sôbre a Paz
tão bem como as crianças sôbre o guerra!

Refiro-me aos rapazes.

Pois espero que as meninas pensem e sintam de modo diferente.

Como eram lindas as bonecas da nossa meninice: cabelos de estopa loira, olhos de vidro azul, muito pestanudos, rostos de porcelana rosada, vestidos de cetim com rendas e fitas, saias de baixo, engomadas, sapatinhos de pelica branca, flores ao peito, toucas de gaze em ruches, *sorrisos de carmim a dormir nas caixas de cartão.*

E quando se erguiam de certa maneira, que diziam elas? Papá... mamã...

A sua filha tem uma boneca que prefere a todos os seus brinquedos, minha senhora? Sim?

Bem. Então ainda não está tudo perdido.

Aurora Jardim.

Consoada

Na taciturna casa (chamemos-lhe casa, por eufemismo) da tia Esperança, a leste do coração da Pôrto e onde uma sombra violácea pairava sempre, como reflexo da amargura e da fome, entrou, em dia de Dezembro, uma resteazinha de sol...

O vento uivava como lobo esfaimado, e tudo e se agitava em redor protestando e fugindo.

Geralmente, os vèlhinhos acabam a sua missão na terra com a bondade expressa no rosto e a lentidão de uma tremulante lamparina que, pouco a pouco, se extingue. O ano velho, porém, não morre de igual maneira. A sua agonia é violenta, tempestuosa, e prolongado é sempre o seu estertor.

Aquêle dia de Dezembro era, pois, um arranco dessa gélida e demorada agonia do velho ano.

Mas, não obstante êsse facto, na casa da tia Esperança entrou então, como já disse, uma nesga de sol — fruto de uma esmola bendita...

A pequenina Aninhas sentiu água na bôca — naquela bôca descolorida, que, dia a dia, implorava tostões ou um pedacinho de pão — ante o decilitro de azeite, o pequeno bacalhau, os cartuchos de arroz e de açúcar que uma benfeitora entregara à mãe a fim de lhes suavizar a noite de Natal.

Mas faltavam ainda oito dias para uma noite em que todo o mortal deve louvar os céus e olhar a terra sem o mínimo rancor ou desânimo.

E a Aninhas, desde que no armário da cozinha (cozinha? Sim, e também quarto, sala de jantar e tudo o mais) entrara aquela dádiva, preguntava, tôdas as manhãs, quantos dias faltavam para o nascimento do Menino Jesus...

Faltavam sete... seis... cinco... quatro... E, à medida que o tempo deslizava, nos olhos da Aninhas, azulados mas baços como cristais embaciados por forte procela, nasciam uns raiozinhos de alegria mesclada de ânsias de «Vita Nuova». E, de quando em vez, pegava, àvidamente, no açúcar, arroz, bacalhau e azeite, e sorvia aquêle cheiro prometedor e confortante...

Apetecia-lhe comer tudo, tudo, preencher aquêle vácuo diabólico que lhe dava uma leveza desagradável e variadíssimas tonturas. Mas não. A benfeitora tinha dito que tudo aquilo era para a noite da consoada... Devia, portanto, aguardar essa noite e contentar-se, até lá, com o hábitual caldo de couves e sem gordura.

Mas os dias pareciam tão grandes! Pareciam não ter fim. Escurecia cedo, é certo, mas que eternidade até ao despontar de nova aurora!

A tia Esperança, viúva e tuberculosa, bem queria, também, tirar o ventre de misérias e, mais importante do que isso, dar confôrto à sua Aninhas — que em hora sinistra dera à luz. Se tal fizesse, porém, que comeriam na noite do Natal — essa noite gloriosa, redentora, em que o corpo não deve ulular, nem ao de leve, a-fim-de não perturbar a ascenção da alma até ao Infinito?!

Decididamente, não tocariam naquêle «manjar» senão no momento oportuno...

E a vélha panela, que em tempos idos fôra esmaltada, continuou a coser couves — amaciadas por vezes com uma amostra de batatas. Deus sabe quão amiúde desejavam ter mais caldo, mesmo magro como aquêle, para amolecer os motrecos de pão que a pobre Aninhas conseguia juntar depois de uma espinhosa caminhada de porta em porta. Quantas vezes não tinham lume sequer para o fazer!

Mas quando a noite de vinte e quatro estava quási em meio, as brazas crepitavam e reluziam na lúgubre casa da tia Esperança... Cheirava ali a cozinhados, bailavam baforadas no ar

NATAL DOS NOSSOS POBRES

Transporte . . .	9.090$00
António J. P. de Lima, Filhos & C.ª, Ld.ª	20$00
Gaspar Lopes Martins — Santos-Brasil	100$00
Amaro Lopes Martins — »	100$00
Aníbal Dias Pereira	20$00
Domingos Martins Fernandes	20$00
M. Faria	50$00
Dr. Augusto Luciano Guimarãis, em sufrágio da alma de sua filha Maria Bernardina	50$00
Anónimo	100$00
Pedro Duarte Saúde — Beja	10$00
Domingos Duarte e Espôsa, por alma de seu filho	25$00
Amadeu Guimarãis, por alma de sua saüdosa irmã	20$00
Augusto Joaquim da Silva	25$00
José Teixeira	5$00
Torcato Mendes Simões	20$00
Anónimo	20$00
P.e José Carlos Simões de Almeida	50$00
José Faria Martins, à memória de seu Pai	100$00
D. Custódia Ribeiro Faria Martins, à memória de seu Esposo	100$00
Eugénio & Novais	20$00
Anónimo	20$00
»	10$00
»	20$00
Augusto Pinto Lisboa — Pevidém	100$00
Manuel Ramos	20$00
Valeriano Abreu	20$00
José Gilberto Pereira	20$00
José Maria de Almeida	25$00
Domingos Ferreira	20$00
António José de Oliveira, Filhos	100$00
António Pimenta	50$00
Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra, Ld.ª	200$00
António Ribeiro Gômes de Abreu	20$00
Dr. Alberto Moreira Sampaio	30$00
Dr. Francisco Moreira Sampaio	30$00
Joaquim Salgado Guimarãis	20$00
Fernando Martins Leite Fonseca — Santos-Brasil	50$00
Joaquim Lopes Martins — Pôrto	20$00
D. Maria Luísa de Araújo Fernandes Guimarãis	20$00
Manuel C. Martins	15$00
Amadeu Miranda & Filhos	50$00
Anónimo	100$00
Major Alberto Margaride	20$00
José Torcato Ribeiro Júnior	100$00
Dr. José Maria Castro Ferreira	20$00
Dr. Maximiano Pinto de Simães	50$00
D. Ana Leite	100$00 (a)
Anónimo	5$00
Dr. António de Jesus Gonçalves	20$00
Bernardino Alves Marinho	50$00
Oscar Pires	60$00
António Vaz da Costa & Filhos, Ld.ª	100$00
Banco Ferreira Alves	50$00
Eduardo Pereira dos Santos	20$00
Fernando Almeida & C.ª	50$00
Conselheiro Dr. Raúl Alves da Cunha	50$00
Fernando Teixeira	5$00
Henrique Gômes	5$00
Anónimo	100$00
José Brás Dourado — Brasil	200$00
Anónimo	20$00
»	20$00
Grémio do Comércio de Guimarãis	50$00
Soma . . .	12.000$00

(a) Desta Sr.ª recebemos mais 400$00 a que fazemos referência na Secção «*Beneficência do Notícias*».

No próximo número diremos da forma como foi feita a distribuïção dos donativos recebidos.

e, entrementes, mãe e filha alargavam o leve e cotiado vestuário com o fito de arranjar espaço — como se espaço não tivessem! — para aquela refeição do Natal. Ambas se sentiam contentes e, ao alegre badalar dos sinos, juntava-se o hino cantado pela Aninhas — hino êsse que lhe fôra ensinado pelo pai, oriundo da província onde as searas se perdem de vista e se unem à imensidão do céu. A sua vozita, débil como o corpo, mas dôce como o olhar, entoava, pois, e angèlicamente:

«O' meu Menino Jesus,
O' minha rosa em botão,
Se tendes frio, ó vinde
Morar no meu coração!

Alegrem-se os céus e a terra,
Cantemos com alegria,
Que vai nascer o Menino
Filho da Virgem Maria!».

«Vamos, Aninhas, vamos cear» — disse a tia Esperança, que então julgava sertir a tuberculose ir-se embora a par do velho ano...

Aninhas abriu gulosamente os olhos e rematou o hino com uma gargalhada infantil e vitoriosa. Daquela vez não ia sòmente enganar a fome... Ia matá-la, matá-la, enfim.

Ambas comeram da mesma panela, junto do fogareiro embandeirado de vez em quando pela labareda elevada desta ou daquela braza. A vida não era demasiado má — pensaram.

A tia Esperança empurrava, com a colher, os melhores bocados para a Aninhas. E esta, tão habituada estava já a êsse gesto, que o achava natural — e até obrigatório!

Findou a refeição. A criança quedou-se numa melancolia inesperada.

— Que é lá isso? — preguntou a mãe e ajuntou: Estás amuada e tristonha em vez de alegre por teres a barriguinha cheia... Ainda agora estavas tão contente! Por que mudaste?

E a Aninhas, com uma lágrima entre pestanas a vacilar ante o calor do fogareiro e o do coração, respondeu:

— Estou a cismar por que não haverá uma consoada tôdas as noites?! Que tristeza tê-la sòmente daqui a um ano! E um ano é tão grande mãe!!!

Lá fora, o vento soprou mais de rijo para esconder a comoção e, também, a acusar os homens que lhe apetecia varrer... E o Novo Ano, êsse quis despontar e correr mais depressa a fim de não demorar a chegada de outro Natal...

Isaura Correia Santos.

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarãis»

UM REPARO

Passou o Natal sem que à nossa Terra tivesse chegado — o que não aconteceu por outras bandas — o bacalhau destinado aos seus habitantes.

Ouvimos por isso mesmo justos comentários que, a nosso ver, muito bem poderiam ter-se evitado.

Desde que estamos sob regimen de racionamento foi, segundo cremos, a primeira vez que tal aconteceu.

E' claro que com dinheiro tudo se conseguia, mas o que é certo é que nem tôdas as pessoas — está neste caso a maioria — se encontram em condições de dar 30 e mais escudos (!) por um quilo do *fiel amigo*.

Conclusão: o bacalhau não chegou, êste ano, à mêsa do pobre e até mesmo de muito remediado, desta infeliz Terra.

Simplesmente triste...

QUARTO

Pretende cavalheiro de respeito. 1110

Informa-se nesta Redacção.

VENDE-SE

Fogão próprio para Hotel. Falar nesta Redacção. 1105

CASA

No TOURAL — Guimarãis (junto à Casa das Gravatas)

ALUGA-SE

r/c — 1.º e 2.º andar, assim como só os baixos. 1093

Nesta Redacção se informa.

Recebem-se propostas em carta fechada até ao dia 7 de Janeiro do ano próximo.

Confeitaria e Pastelaria

"A BENAMOR,,

(Instalada na Antiga Confeitaria PORTUGÁLIA)

Praça do Toural GUIMARÃIS

O proprietário da CONFEITARIA e PASTELARIA

"A BENAMOR,, de Braga

muito sensibilizado com o bom acolhimento como tem sido distinguido pela mais distinta Sociedade Vimaranense, visitando a sua filial em Guimarãis, vem muito respeitosamente protestar o seu mais profundo reconhecimento, desejando

Boas Festas e Feliz Ano Novo

1104 *Benedito Vilela.*

Rosas e Espinhos!

Querida amiga:

O ano de 1945 encontra-se muito próximo da sua agonia, a-fim de dar lugar ao 1946, seu sucessor. Em face disso, será esta a última carta que te escrevo no corrente ano, o qual, depois de Setembro de 1939, foi aquêle que mais benévolo se tornou para a Humanidade, pois foi êle o portador da bendita e tão desejada Paz, depois de um largo período de tempo em que as labaredas fumegantes da destruïção mais completa de que reza a História, deixaram ruínas eternas por todo o mundo, enquanto por outro lado espalharam pelo mesmo o luto, a dôr e o sofrimento em proporções assustadoras. Portanto, quer sob o ponto de vista material, quer moral, a Humanidade viveu alguns anos dentro da incerteza do destino e, como conseqüência disso, com a constante preocupação do que seria o dia de àmanhã! Felizmente, a Paz surgiu — embora ainda se encontre pendente a solução de alguns problemas filhos da tormenta — e o mundo procura regressar à normalidade, isto é, aspira a gozar a bonança seguida a tão catastrófica tempestade! E' assim o ambiente do presente ou, melhor, é assim que vamos entrar no novo ano, o qual, por certo, será o portador de uma Paz definitiva e duradoura, mensageira das bênçãos do Céu sôbre a Terra. Oxalá, querida M. E., que assim aconteça, por que a felicidade que eu desejo para nós é a mesma que desejo para os nossos semelhantes. Sim, boa amiga, eu penso dessa forma e tu igualmente; mas há, por mal dos nossos pecados, quem só se preocupe com a felicidade que lhe diz respeito, sem nada lhe interessar a do seu próximo. Essas pessoas, porém, são indignas de uma sociedade onde impere a pureza da consciência e a beleza da perfeição.

E agora, que já te fiz ligeira referência ao *agonizante 45* e ao *menino e moço 46*, atende ao resto. Se, como me dizes na tua última carta, nada tens a objectar às minhas mais recentes considerações àcêrca do processo de conciliarmos as aspirações da nossa mútua amizade, ambas nos poderemos regozijar com êsse facto, por que êle abrir-nos-á o caminho por onde há-de seguir o destino de cada uma de nós, iluminado pela luz brilhante e redentora do clarão da Divina Providência, luz que sòmente se apagará quando se apagar o calor irradiado pelos nossos corações. Por isso, a intenção de algumas pessoas pretenderam sobrepôr a fôrça humana ao Poder Divino não passa de uma irrealizável loucura e muitas vezes de conseqüências bem desagradáveis para quem se deixa dominar por ela. Compreendes-me? Julgo que sim. Mas, afinal, tantas divagações para quê? Apenas para te continuar a dizer que tenho tido muitas saüdades tuas por não te ver já há bastante tempo? Tudo isso, minha saüdosa amiga, te poderia dizer numa quadra muito simples, que li algures, e que é a seguinte:

«O cego que nasce cego,
A sua vida é cantar:
Eu que te via, e não vejo,
A minha vida é chorar.»

No entanto, a esperança num futuro de melhores dias, futuro em que desapareça o obstáculo da distância que nos separa, é um bom *tónico* para retemperar as nossas fôrças. Feliz, pois, de quem vive sob o patrocínio e confôrto da esperança! Para terminar, desejo-te um Novo Ano cheio das maiores venturas.

Abraços e beijos da
Tua dedicada amiga

28/12/1945.

Maria Margarida.

P. S. — No dia de Natal tive uma satisfação muitíssimo grande por ter conseguido passar uns momentos de indiscritível prazer.

Serás capaz de adivinhar o que foi?

A ver vamos. E' bem certo que Deus ordena e dispõe!...

Margarida.

Beneficência do «Notícias»

Transporte .	18.160$00
Recebemos do Sr. Joaquim da Silva Xavier, para os Presos da Cadeia	100$00
Recebemos da Sr.ª D. Ana Leite, para as seguintes Instituïções: Oficinas de S. José . . .	100$00
Asilo de Santa Estefânia	100$00
Casa dos Pobres	100$00
Ceia de Natal de S. Crispim . . .	100$00
A transportar	18.660$00

Distribuição de Enxovais

No "Lactário Municipal,, anexo à Casa dos Pobres, desta cidade, procedeu-se, na véspera de Natal, à distribuïção de uns 30 enxovais às criancinhas mais pobres e socorridas por esta modalidade de assistência de protecção à infância, cujo fim é altamente simpático e humanitário. Pena é que a sua acção beneficente não se encaminhe para horizontes mais largos e que, portanto, esteja longe de corresponder a tôdas as necessidades mais urgentes. No entanto, é êsse um dos casos em que mais vale pouco do que nada e pode suceder que num futuro mais ou menos próximo o seu desenvolvimento se acentue em mais larga expansão. E falendo se do «Lactário Municipal», é de justiça que não se deixe de frizar a dedicação, o carinho e zêlo do seu médico, Sr. D.r José Maria de Castro Ferreira e bem assim da Sr.ª D. Maria Carolina Capela do Amaral, digna Enfermeira visitadora.

São dois elementos a quem muito deve a possível prosperidade do Lactário, motivo por que se tornam crèdores do reconhecimento de tôdas as pessoas que não vêem com indiferença a protecção à saúde da criança.

Baile de Fim do Ano

Promovido por um grupo de gentis senhoras da nossa terra, realiza-se àmanhã, dia 31, às 22,30 horas, no Salão Nobre do Grémio do Comércio de Guimarãis, um Baile de Fim de Ano, que promete decorrer animado, sendo já elevado o número de famílias inscritas.

ANÚNCIO

Tendo-se extraviado o livrete de racionamento de gasolina n.º 42 746 da viatura GA-10-34, pede-se o favor à pessoa que o encontrar de o entregar na AUTO-GARAGEM AVENIDA — Avenida D. Afonso Henriques.

Domingos Alves Machado & C.ª, Ld.ª

Cão de estimação

Achou-se um que será entregue a quem provar pertencer-lhe, pagando as despesas dêste anúncio.

Dão-se esclarecimentos na Redacção. 1106

Máquinas de Meias

Vendem-se duas em bom estado.

Tratar com José Dias Pereira, Creixomil. 1109

Liceu novo

ou nova adaptação?

Meu caro Antonino:

Lamento, profundamente, o que o Sr. Padre José Carlos Simões de Almeida, ilustre Director do nosso Internato, publicou no úitimo número do «*Notícias de Guimarãis*», pela inoportunidade e ligeireza das suas afirmações, pois no «*Correio do Minho*», de 14 do corrente, portanto de sexta-feira passada, pus o Internato no lugar de relêvo que lhe é devido.

Numa entrevista há tempos publicada em «*A Voz*» e que nessa altura foi tomada como "propaganda eleitoral", prometeu o Sr. Governador Civil do nosso distrito um edifício novo para o Liceu de Guimarãis.

Como gosto de ver a minha terra progressiva e não no estagnamento em que tem vivido e que parece ser do agrado de certos sectores vimaranenses, pelo que se observa, dei, no artigo publicado no n.º 5.952 do «*Correio do Minho*», citado pelo Sr. Padre José Carlos, o meu aplauso à promessa de S. Excelência, aplauso que, felizmente, vejo já partilhado pelas fôrças representativas de Guimarãis.

Nêsse artigo não fiz referência ao Internato porque êste não estava em causa. E como me não contento com o bom quando se pode obter o óptimo, preferi o óptimo "com prejuízo do bom,,.

Não para "empatar,, porque, para isso, lá estará o Sr. Padre Carlos, mas para que seja dado à nossa terra o que ela bem merece.

Na verdade, numa altura destas, na boa ocasião que se nos oferece "Seria talvez conveniente não se andarem a dispersar boas vontades com questões secundárias, de modo a empatar o que está em vias de realização", como diz o Sr. Padre Carlos e com o que concordo plenamente.

E o interêsse do Internato é, neste caso, questão secundária a levantar dificuldades ao óptimo. Porque entendo, como afirmei no artigo "O Internato e o Liceu de Guimarãis", publicado no «*Correio do Minho*», de 14 Dezembro corrente, portanto antes da publicação do artigo do Sr. Padre José Carlos no «*Notícias de Guimarãis*», que a construção do novo edifício não deve trazer, nem trará, dificuldades à vida do Internato.

Noutros tempos existiram em Guimarãis, além do Internato, dois Colégios para rapazes, sendo o Internato, se a memória me não atraiçoa, o de menor freqüência. No entanto o Internato já então estava anexo ao Liceu, oferecendo, portanto, aos seus internados as mesmas regalias que agora se põem em relêvo.

Depois das reformas do ensino, o nosso Liceu começou a registar menor freqüência, que se reflectiu nos Colégios, fazendo-os desaparecer. A mesma vaga esteve a levar o Internato cujos S. O. S. foram atendidos pela Câmara, a qual, tomando as medidas precisas, pôde trazê-lo a bom porto.

Conseguindo-se para Guimarais um novo edifício e o Curso Complementar, estou convencido que a freqüência aumentará ainda mesmo que não seja possível aos alunos "freqüentar as aulas sem molharem os pés e se sujeitarem às intempéries do Invesno e rigores do Verão", preocupação maior do Sr. Director do Internato, sobreposta aos interêsses da cidade.

Porque o Internato continuará a ser o refeitório e dormitório dos rapazes do Liceu, podendo manter os mesmos "cuidados educativos de Colégio", sem quaisquer outros concorrentes.

Estranha-se que as raparigas não freqüentem o nosso Liceu em maior número. Tomando por boas as razões invocadas pelo Director do Internato, está justificado o retraimento. Se os rapazes, sexo forte, não podem molhar os pés nem sujeitar-se "às intempéries de Inverno e rigores do Verão" como se pode querer sujeitar as raparigas, sexo fraco, a tudo isso se elas não têm dentro do Liceu um outro Internato que lhes ofereça as mesmas comodidades que têm os rapazes?

O caso, porém, é outro, como sempre. Quando aparece uma oportunidade útil à nossa terra, levantam-se logo cem dificuldades *bairristas* a contrariarem e a anularem as vantagens dessa oportunidade.

Novo edifício para o Liceu? Deus nos livre! E o Internato? Adaptação sim, essa é que é conveniente.

Manifestem os vimaranenses a sua opinião: — Liceu novo ou nova adaptação? Definam-se as posições e tome cada qual a responsabilidade dos seus actos.

Como vimaranense, opto pela construção dum novo edifício, com o Curso Complementar. Estou, portanto, ao lado do Senhor Governador Civil, se bem que muito tentado a inscrever-me na *Confraria do não-te-rales*, que parece ser, afinal, a que melhor serve os interêsses desta desventurada terra.

Pela publicação destas linhas ficar-te-á agradecido o amigo.

et nunc et semper.

Manuel Alves de Oliveira.

Guimarãis, 18 de Dezembro de 1945.

1075 Papelaria, Livraria e Objectos de Escritório

Bom sortido e preços mínimos, procure na **Casa das Novidades**

UM EDIFÍCIO NOVO

para o LICEU de Guimarãis

Depois de enviado o nosso comentário ao artigo do "Correio do Minho,, e antes da publicação no "Notícias de Guimarãis,, lêmos no mesmo Correio um segundo artigo da autoria do mesmo ilustre Jornalista, autor do primeiro, que procurava desfazer os receios dos que temiam a construção de um edifício novo para o Liceu e mostrando que havia sòmente vantagens nisso, acrescentando que não compreendia as razões pelas quais o Internato viria a ser prejudicado, pondo em evidência vários argumentos em confirmação da sua convicção.

Pela última vez, pois não desejamos discussões, queremos esclarecer que as circunstâncias mostram que o que seria óptimo para qualquer outra cidade, não o é para Guimarãis. Os argumentos que vamos usar são tirados precisamente das circunstâncias citadas em defesa da sua tese, no Correio de 14 do corrente.

A diminuïção da freqüência verificada, há anos, no nosso Liceu, se foi devida, em grande parte, à supressão do Curso Complementar, foi também influenciada por vários outros factores, alheios ao Liceu, nomeadamente o aparecimento de muitos Colégios, em Braga, Fafe, Lousada, Felgueiras, Santo Tirso, Famalicão, Póvoa de Varzim, Póvoa de Lanhoso, Barcelos, Ponte do Lima, Cabeceiras, etc.

Depois da implantação da República tinham desaparecido todos os Colégios de àquém Douro e sòmente ficaram os quatro — quatro e não três — de Guimarãis e por isso caíu aqui uma avalanche de rapazes de todo o Norte e até do Sul, que deram muita vida ao nosso Liceu.

Ora queremos notar que êsses Colégios de Guimarãis, que viveram com os alunos matriculados no Liceu, que não era no mesmo Edifício, e eram o Colégio Académico, o Colégio de S. Nicolau, do saüdoso Cónego José Maria Gômes, e a Escola Académica, àlém do Internato, foram precisamente os que desapareceram, ficando apenas o que tinha o Liceu na própria casa. E quando desaparecera ainda havia o curso complementar, pois êste durou de 1918 a 1928 e o último Colégio a desaparecer foi em 1924. Podemos agora também afirmar, com conhecimento de causa, — pois éramos então o director disciplinar da Escola Académica — que esta não fechou por falta de alunos, pois vivia já sòzinha em Guimarãis, mas porque se entendeu que não se podia agüentar com os alunos matriculados no Liceu.

Ainda hoje, depois de nos transferirmos e vivermos na mesma casa e em perfeito entendimento com os horários do Liceu, sentimos dificuldades, pois há dias em que temos de servir o almôço por duas e três vezes.

Se nestes dias de tempestade tivessemos de levar os alunos do lugar escolhido para Liceu, para o Internato, com o temporal ciclónico que presenceámos à hora da saída, para voltar de novo ao Liceu daí a hora e meia, devia de ser um arranjo asseado!

Diz mais o citado artigo, que não deve haver receio, pois o incremento do número de alunos inscritos e uma vez que não há casa em condições de recolher os estudantes, devem melhorar as condições do Internato.

Não é preciso que as condições do Internato melhorem neste sentido, o que é preciso é que as não façamos piorar.

Para que o argumento citado tivesse valor, seria necessário verificar a causa do incremento dos alunos no nosso Liceu, — se não será, em grande parte, devida à existência de um Internato de confiança, num Liceu de confiança.

Seria interessante cotejar o acréscimo do Liceu com a proveniência dos alunos. Há rapazes que êste ano não puderam ser admitidos no Internato por falta de lugar, mas que não se matricularam neste Liceu e aqui ficariam se tivessem lugar no Internato.

Alguns, os que à última hora puderam ser admitidos, por se verificar que ainda podiam ter lugar, vieram transferidos de outros Liceus. Nenhum dêstes freqüentaria o Liceu de Guimarãis, se não tivessem lugar no Internato.

Há alunos de Chaves, Vidago, Penafiel, Amarante, Mirandela, Freixo de Espada-à-Cinta, Basto, Lousada, Felgueiras, Santo Tirso, Pôrto, Aveiro, Lisboa, Ponte do Lima, Esposende, Tôrres Novas, Braga, que deixaram atrás de si vários Liceus e Colégios para virem para Guimarãis.

Há casas em Guimarãis que de boa vontade recebem estudantes, mas estes procuram o Internato, ainda antes de virem a Guimarãis fazer as matrículas.

Devemos ainda esclarecer que a Câmara se não prestou a cobrir qualquer *deficit* do Internato. Êste é da Câmara e a ela que devem ser atribuídos os lucros e os *deficits*. Defendendo o nosso modo de ver, não defendemos os nossos interêsses, pois mais nos devia convir um Internato com menos alunos. Davam menos trabalho e o mesmo interêsse material.

O Internato não ficará prejudicado nas suas instalações pelo facto de o Edifício passar para o Estado, pois não pode ignorar-se que andaram já dois engenheiros a estudar a adaptação do Internato a 150 alunos, antes de estudar a adaptação do Liceu, e vieram encarregados pelo Estado. As obras deverão começar antes do fim do ano

NATAL

VISITEM A

BOÉMIA

Completo sortido de tôdas as especialidades

Bolo Rei "Boémia,,

Rua de Santo António

1100

da cidade

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Tenente Mário Pinheiro

Na sua residência, ao Largo da Oliveira, finou-se, na manhã do dia 25, confortado com todos os sacramentos da Igreja e rodeado da família que tanto o estremecia, o nosso prezado amigo Sr. Tenente Mário Pinheiro, que, pelas suas excepcionais qualidades de carácter, de inteligência e de trabalho, aliadas aos melhores dotes

de coração, contava no meio vimaranense as maiores e melhores amizades.

O extinto era mesário da Santa Casa da Misericórdia, Presidente da Junta de Freguesia da Oliveira e Chefe da Caixa do Abôno de Família dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga, lugares estes que exerceu durante alguns anos com a maior competência e escrúpulo.

O Tenente Mário Pinheiro, como militar foi sempre de exemplaríssimo porte, merecendo por isso mesmo os justos louvores dos seus superiores.

A desoladora notícia causou funda emoção no nosso meio. E' que o extinto pelo seu porte austero, conduta exemplar, firmeza de carácter e delicadeza de maneiras, foi daqueles que através de tão nobres predicados só soube conquistar amizades e simpatias.

Do seu coração só bondade dimanava, da sua alma irradiavam luminosos, fulgurantes, os mais belos exemplos familiares e de solidariedade cristã. E foi por isso mesmo que tôdas as pessoas que o conheceram prantearam comovidamente o seu passamento.

O saüdoso extinto contava 54 anos de idade. Era casado com a Sr.ª D. Teresa de Sousa Guise Pinheiro, pai da Sr.ª D. Isabel Maria Guise Pinheiro e dos nossos prezados amigos e distintos estudantes do Liceu Srs. Gonçalo de Sousa Guise Pinheiro e Fernando de Sousa Guise Pinheiro; genro do respeitável vimaranense Sr. Francisco Raimundo de Sousa Guise, irmão da Sr.ª D. Emília Pinheiro Faria Lima, cunhado dos nossos queridos conterrâneos e amigos Srs. Albano de Sousa Guise, casado com a Sr.ª D. Adelina de Sousa Guise; Joaquim Severo de Sousa Guise, casado com a Sr.ª D. Regina Guise; Gonçalo de Sousa Guise, casado com a Sr.ª D. Simaíde Guise e João Pedro de Sousa Guise (ausentes no Rio de Janeiro); Arnaldo de Sousa Guise, casado com a Sr.ª D. Isabel Guise; Manuel de Sousa Guise, casado com a Sr.ª D. Elisa Guise; António de Sousa Guise, casado com a Sr.ª D. Rosa Guise e José de Sousa Guise, e das Sr.as D. Custódia de Sousa Guise Campos, casada com o Sr. Tenente Alvaro Martins de Campos; D. Maria de Lourdes de Sousa Guise, D. Emília de Sousa Guise e D. Vitória de Sousa Guise.

O inesperado falecimento do Tenente Mário Pinheiro causou a maior consternação, tendo afluído a sua casa, logo desde que a notícia se tornou conhecida, inúmeras pessoas que foram apresentar condolências à desolada família.

Algumas notas biográficas do pranteado vimaranense:

Alistado como voluntário no Regimento de Infantaria 20, em Guimarãis, sendo encorporado em 9 de Dezembro de 1908, assim iniciou a sua carreira militar tendo ascendido ao pôsto de *Sargento-Ajudante* após 15 anos de bons e efectivos serviços. Por decreto de 29 de Novembro de 1924 foi promovido a *Alferes*, ficando colocado no mesmo Regimento, como supranumerário, em todos os postos até passar à reserva.

Considerado Adido ao quadro da sua arma, foi colocado no Batalhão de Metralhadoras 2, passando seguidamente ao Regimento de Infantaria 8, onde ficou novamente como Adido por ter sido requisitado para uma comissão de serviço dependente do Ministério das Colónias. Colocado em Luanda, na 7.ª C. I. I. como subalterno, passou a servir mais tarde na Companhia de Infantaria Mixta da Guarda-Fiscal. Por Portaria de 25 de Agôsto de 1928, foi nomeado Administrador-interino do Concelho e Circunscrição Civil de Mossâmedes.

Promovido a *Tenente* em Dezembro de 1928, foi colocado na Companhia Automóvel de Metralhadoras Pesadas, passando depois a servir como Adjunto no Quartel General. Transferido para Moçambique ali serviu na 5.ª Companhia Indígena de Infantaria, e mais tarde em Timor, como oficial subalterno da 54.ª Companhia Indígena Expedicionária, tendo exercido, durante a sua permanência em Dili, o honroso cargo de Administrador do Concelho. Terminada a sua Comissão de Serviço, regressou à Metrópole em 17 de Abril de 1935.

Freqüentou na E. P. I. o curso de Metralhadoras-Ligeiras sendo "classificado com aproveitamento,,.

Na sua brilhante folha de serviços registam-se muitos louvores pela valiosa coadjuvação que prestou no desempenho de altas funções em que revelou muita competência, zêlo e inteligência.

Cavaleiro da Ordem Militar de Aviz, O. E. n.º 15, 2.ª série, de 1933, e Medalha de Ouro da Classe de Comportamento Exemplar, O. E. n.º 8, 2.ª série, de 1939, foi sempre um oficial distinto e muito apreciado e querido de todos os seus comandos.

* * *

O seu cadáver foi removido, com numeroso acompanhamento, na manhã de quinta feira para o templo da Misericórdia, efectuando-se o funeral às 11 horas.

Entre a numerosa e selecta assistência vimos: Arcipreste de Guimarãis; Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Guimarãis; Direcção e Pessoal da Caixa Sindical do Abôno de Família dos Operários da I. Têxtil do Distrito de Braga; Comissão Administrativa da Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra; Juntas das Freguesias da Cidade; Direcção do Sindicato N. dos Caixeiros; Mesa da Confraria do SS.mo da Oliveira; Academia Vimaranense, Mesa da Irmandade da Penha, Direcção das Oficinas de S. José, Direcção da Casa dos Pobres e Guarda Republicana. P. S. P., médicos, muitas senhoras, oficiais do exército, funcionários públicos, instituições de caridade, etc.

A missa do corpo presente foi celebrada pelo Rev. Gaspar Nunes, acolitado por outros eclesiásticos.

Findo o acto e resado o responso de sepultura foi o cadáver trasladado com grande acompanhamento para o Cemitério de Atouguia, onde ficou inhumado em jazigo de família.

Organizaram-se diversos turnos pegando às borlas do caixão os Srs. Prof. Mário Meneses, Dr. Fernando Matos Chaves, Manuel Alves de Oliveira, Alfredo de Sousa Félix, António Simões e João A. Silva Guimarãis, mesários da Santa Casa da Misericórdia; António Teixeira de Melo, director da Caixa do Abôno de Família; Belmiro dos Santos Martins, presidente do Sindicato N. da I. Têxtil; José de Oliveira Pinto, presidente da Casa do Povo de Ronfe; Joaquim da Silva Xavier, Alberto Costa Guimarãis e Alberto Campos da Silva Costa, presidente da Direcção do Asilo de Santa Estefânia; Domingos Mendes Fernandes, tesoureiro da Direcção das Oficinas de S. José; P.e José Pires Afonso, capelão do Hospital da Misericórdia; Antonino Dias Pinto de Castro e, pela Mesa da Academia Vimaranense, José Alberto Martins Fernandes, Eduardo Joaquim Ribeiro da Silva Xavier e Armando Osvaldo de Matos Ribeiro da Silva.

Pegaram ao caixão alguns irmãos da Misericórdia e os antigos combatentes da Grande Guerra Srs. Capitão Domingos José Vieira de Andrade, Tenente Abílio César do Espírito Santo Barreira, Sebastião Mendes e José da Silva Andrade.

Notas

A urna de mógno que encerrava os restos mortais do saüdoso Tenente Mário Pinheiro, foi coberta com as bandeiras Nacional e da Liga dos C. da G. Guerra. O boné e a espada do extinto foram conduzidas pelo Sr. Tenente Ernesto Moreira dos Santos.

— Estiveram colocadas a meia adriça em sinal de luto as bandeiras no Hospital da Misericórdia, na sede da Junta de Freguesia da Oliveira e na sub-agência da L. C. G. G.

— No dia 26 de Dezembro e sob a Presidência do Ex.mo Provedor, Sr. Mário de Sousa Meneses, reüniu, extraordinàriamente, a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Depois de lida, aprovada e assinada a acta da Sessão anterior o Sr. Provedor apresentou a seguinte proposta:

"Tendo sido dolorosamente surpreendido com a triste notícia do falecimento, ocorrido ontem, do nosso saüdoso Colega Sr. Tenente Mário Pinheiro, que entre todos nós gozava de muita estima e de muita admiração pelas suas invulgares qualidades de sincera lealdade, de boa camaradagem e de exemplar cumprimento das atribuïções do seu cargo, como Mesário desta Santa Casa, proponho:

a) — Que fique exarado na acta desta sessão um voto de profundo pesar por tão doloroso acontecimento;

b) — Que, àmanhã, dia do seu funeral, esta Mesa e o maior número possível de Irmãos — para êsse efeito convidados — acompanhem, às 8 horas, o cadáver desde a sua residência à Igreja da Misericórdia, assistindo, em seguida, à missa do corpo presente.

c) — Que a Mesa assista, às 11 horas e na referida Igreja, a todos os actos do funeral, findo os quais acompanhará o cadáver ao Cemitério Municipal;

d) — Que os serviços de Secretaria só funcionem, àmanhã, a partir das 12 horas, a-fim-de o respectivo pessoal poder assistir aos actos fúnebres acima mencionados;

e) — Que em dia e hora que a Mesa designar se mande celebrar uma missa em sufrágio da Alma do extinto, na Igreja de Santo António dos Capuchos, anexa ao Hospital Geral da Misericórdia, com a assistência da Mesa, do pessoal da Secretaria, do pessoal interno, dos Asilados, etc.;

f) — Que desta proposta, no caso de ser aprovada, se dê conhecimento à Ex.ma Viúva.

— Esta proposta mereceu a aprovação unânime de todos os presentes, que a ela se associaram com palavras de sentida saüdade.

— Em seguida, foi resolvido que a vaga do querido morto fôsse imediatamente preenchida pelo Mesário substituto, Sr. Camilo Larangeiro dos Reis.

— Sôbre o caixão foram colocados alguns *bouquets* de flores com sentidas dedicatórias de pessoas de família.

— A Direcção da C. Sindical dos Operários da I. Têxtil do Distrito em sufrágio da alma do extinto, mandou distribuír donativos pelas casas de caridade.

— A chave do caixão foi entregue ao Sr. José da Silva Gonçalves, Presidente da Direcção da C. do A. de Família.

— O Sr. Capitão José Vieira Marques de Azevedo, do Pôrto, estava representado no funeral pelo sobrinho do extinto o nosso amigo Sr. Francisco Alvaro Guise Campos.

— O nosso jornal fêz-se representar pelo seu director que também representou no funeral o Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

* * *

Notícias de Guimarãis numa manifestação de solidariedade para com aqueles que sofreram tão rude golpe, testemunha-lhes, de um modo muito especial à desolada viúva e filhos do saüdoso extinto, o mais vivo pesar de intensa mágua.

Alberto Mendes de Oliveira

Na sua residência, à Rua de Santo António, finou-se, ante-ontem à noite, contando 29 anos, após cruciantes e prolongados sofrimentos, o nosso conterrâneo Sr. Alberto Pereira Mendes de Oliveira, casado com a Sr.ª D. Ana da Glória Belino Pereira Mendes de Oliveira; filho da Sr.ª D. Maria Cristina Pereira da Silva Oliveira e do Sr. José Mendes de Oliveira, recentemente falecido; irmão da Sr.ª D. Isabel Pereira de Oliveira e dos Srs. Alfredo Pereira de Oliveira e Antero Pereira de Oliveira; genro do Sr. Domingos Pereira Mendes, cunhado do Sr. Francisco Belino Pereira Mendes; sobrinho dos nossos prezados amigos Srs. Manuel Mendes de Oliveira, Belmiro Mendes de Oliveira, P.e Horácio Pereira da Silva, Antero Pereira da Silva e António Pereira da Silva e das espôsas dos também nossos bons amigos Srs. Dr. Alberto Rodrigues Milhão, José Salgado e José Augusto Gonçalves.

O Sr. Alberto Mendes de Oliveira foi acometido, há meses, de uma pertinaz enfermidade que de dia para dia lhe foi minando a existência, sendo infrutíferos todos os esforços empregados pela medicina para o salvar.

O seu funeral efectua-se àmanhã, às 11 horas, no templo da Misericórdia.

A tôda a família dorida apresentamos condolências.

Missa de sufrágio

Na Igreja da Olveira celebra-se àmanhã, segunda-feira, uma missa em sufrágio da alma da senhora D. Rosa Teixeira Rebelo de Magalhãis, sogra do sr. Eugénio Vaz Vieira.

lectivo. Se se andar a empatar o prosseguimento da obra com planos mirabolantes, nem um nem outro melhoramento verificaremos.

Seria mais proveitoso empregar esta energia na obtenção do 7.º ano, agora que anda em estudo uma nova reforma da Instrução.

Perde-se esta ocasião única e quando não tiver remédio é que virão os tais lamentos, de que o articulista fala, servir de fogo sagrado aos que dizem que nada nos tem dado o Estado Novo.

Para terminar ainda queremos recordar aos que têm a memória fraca que se o Liceu ou Internato deixarem de ocupar o edifício de Santa Clara, êste passará *automàticamente com todo o seu recheio* para a posse do Estado, sem qualquer indemnização à Câmara (decreto 10371 de 9-XII-24.)

Nada mais temos a dizer.

P.e José Carlos Simões.

GRANDE SORTIDO em Dropes e Rebuçados Finos à venda na *Confeitaria Colonial* Rua da Rainha Guimarãis 1088

CHEGOU O INVERNO

Calçado de agasalho em sola e piso de borracha.

Botas altas de borracha. Guarda chuvas. O melhor sortido, o mais barato. *Camisaria Martins a Casa das Meias.* 1084

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 1, os nossos prezados amigos srs. Dr. Alvaro Carvalho e Tenente Alvaro Martins de Campos e a sr.ª D. Deolinda Ribeiro Jorge, espôsa do nosso bom amigo sr. Dr. Adelino Jorge; no dia 3, o nosso simpático amigo e laureado académico sr. Edgar de Castro Guise e as meninas Isaura Torcato e Maria Torcato, filhas do nosso amigo sr. Marino da Silva; no dia 6 os nossos amigos srs.: Agostinho Dias Pinto de Castro e António Abreu e a sr.ª D. Emília de Castro Barroso.

Os nossos cumprimentos de felicitações.

*

Fêz anos no dia 24 o nosso prezado amigo sr. Francisco Ribeiro Guimarãis.

— No dia 1 de Janeiro completa uma primavera o menino Eduardo Fernando Gonçalves Guimarãis.

Parabéns.

Doentes

Por ter sofrido uma queda, tem passado algo incomodada a senhora D. Ana Mendes Fernandes Pimenta, espôsa do nosso querido amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

— Vimos já completamente restabelecido o nosso prezado amigo sr. Major António J. T. Miranda.

— Também tem passado ligeiramente incomodada a sr.ª D. Custódia de Sousa Guise Campos, espôsa do nosso bom amigo sr. Tenente Alvaro Martins de Campos.

— Continua doente o nosso prezado amigo sr. Tenente Alvaro Martins de Campos.

A todos os doentes desejamos o seu breve restabelecimento.

Partidas e chegadas

Tem estado nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Artur de Oliveira Sequeira.

— Com sua família tem estado nesta cidade o nosso prezado conterrâneo e amigo e distinto Magistrado sr. Dr. João Faria Martins.

— A passar as Festas do Natal, com suas famílias, estiveram em Guimarãis os nossos prezados amigos srs. Augusto Sampaio Mendes da Cunha, Octávio Pereira Machado, Alfredo Faria Martins, Abílio Lopes Carvalho e Herculano Dias Queiroz.

— Também esteve nesta cidade, acompanhado de seu marido, a nossa distinta colaboradora Sr.ª D. Maria José Ribeiro Vilas Soares (Zita de Portugal).

— De visita a sua família, encontra-se nesta cidade a nossa conterrânea Sr.ª D. Maria Amélia Teixeira Mendes, que há bastantes anos reside no Rio de Janeiro.

— Depois de uma digressão por terras de Espanha, regressaram a esta cidade os nossos prezados amigos srs. Alexandre Pacheco Guimarãis e Joaquim Manuel Pereira Mendes.

— Do seu solar de Felgueiras, regressou, com sua espôsa, à sua casa desta cidade, o nosso prezado amigo sr. Dr. Maximiano Pinto de Simães.

— Esteve nesta cidade a passar as Festas do Natal, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Lino Teixeira de Carvalho.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso bom amigo sr. Américo de Matos, residente em Lisboa.

BOMBONS, BOMBONS um belo sortido na *Confeitaria Colonial* Rua da Rainha Guimarãis 1086

Teatro Jordão HOJE, às 15 e às 21 horas

Maria Montez — Jon Hall — Sabu em

A MULHER SERPENTE

Um filme maravilhosamente colorido, de aventuras e grandes emoções.

Terça-feira (Ano Novo), às 15 e às 21 horas:

O FAROL DAS ILUSÕES

Com BARBARA MULLEN e JAMES MASON.

Um drama cujo tema constitue um dos mais absorventes problemas da actualidade.

Quarta-feira, 2, às 15 e às 21 horas:

Martha Scott e Frederic March num filme fora do normal, tratando de um assunto delicado:

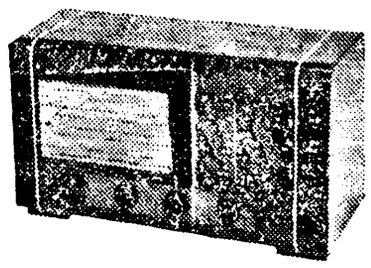
Com um pé no Céu

Sexta-feira, 4, às 21 horas:

MARLENE DIETRICH numa grande produção dramática: — **Sangue Negro**

Luxor Rádio

Apresenta



Modelos 1946

a grande marca que alia a melhor técnica à mais bela elegância.

1101

Distribuïdor no Concelho de Guimarãis:

João Abreu

Largo João Franco, 18

(Antigo Largo da Misericórdia)

Diversas Notícias

O Natal dos Pobres em S. Crispim

Como nos demais anos a Ceia de Consoada dos Pobrezinhos no Albergue de S. Crispim — tradição que remonta há muitos séculos atrás! — decorreu com animação e foi extraordinàriamente concorrida, tendo sido servidos, durante a noite do dia 24, muitas centenas de pobrezinhos.

O local apresentava um aspecto festivo e muitas foram as pessoas que ali acorreram ciosas de presencearem aquêle admirável quadro, espectáculos deveras emocionante.

Nem um só pobrezinho deixou de ser atendido com o mesmo carinho que as pessoas encarregadas da distribuïção da Ceia dispensaram aos infelizes que ali compareceram.

A Ceia foi abundante e sobrou ainda — Santo Deus! — muita comida. Graças aos Beneméritos da Ceia de S. Crispim, a tradição cumpriu-se uma vez mais. A tradição prosseguirá.

na Casa dos Pobres

Também como nos anos anteriores àmanhã será fornecida a Ceia de Fim de Ano a todos os pobrezinhos que, para isso, compareçam a partir das 18 horas na Casa dos Pobres.

Costuma ser também uma festa enternecedora esta que todos os anos se faz na Casa dos Pobres.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao L. do Toural. No dia 1 de Janeiro, está de serviço a Farmácia do Laboratório Hórus, ao L. do Toural.

Pedindo providências

Não tendo a cidade de Guimarãis recebido o contingente de bacalhau para a tradicional noite de Natal, foram enviados telegramas ao Sr. Presidente do Conselho de Ministros, esperando-se que sejam tomadas providências no sentido de a cidade ser abastecida convenientemente.

FRUTAS cristalisadas caldeadas na *Confeitaria Colonial* Rua da Rainha Guimarãis 1085

Por causa de um engano...

(Conclusão na 1.ª página)

— Mas não, de forma alguma. O pior que pensei foi que caíra como uma bomba em casa de uma pessoa muito afadigada que decerto pelo motivo de já não ser nova e, portanto, já cansada pelas agruras da vida, não achava razões para fazer como eu: tomar tudo pelo lado melhor.

Quási divertido, o Doutor sorria agora, e não pensando já em desligar prosseguiu:

— Muito bem. Então é assim tão optimista?

— E que queria que eu fizesse? Dura e difícil é a vida, e se a não tomo a rir, que lucraria? Sofrer a dobrar, e nada mais. Armar em carpideira não é o meu feitio, e é tão antipático ser-se uma pessoa mal humorada!

— Como êste seu criado, por exemplo...

Fresca e divertida gargalhada soou outra vez.

— Parece que o Sr. Doutor deve também ser professor, e um professor hábil em saber apanhar os seus alunos em falta. Acertei?!...

— Professor sou realmente, minha alegre amiguinha, volveu o médico, rindo por sua vez — mas não de miúdos... Os meus alunos são já daqueles que lhe rondam as janelas, e a minha linda desconhecida espreita por detrás das cortinas quando a seguem...

O riso claro voltou fácil, e de novo retorquiu:

— Muito bem, vejo agora que o Sr. Doutor gosta de brincar e não é nada rabugento, e que só uma má disposição ou a fadiga de um dia de intenso trabalho o levaram a receber-me menos amàvelmente.

— Adivinhou, minha linda desconhecida; parece que deve ser um tanto feiticeira...

— Ah, sim, parece-lhe? Pois antes de me despedir, para ver se confirmo meus créditos, sempre lhe direi que me parece que deve ser bem mais novo do que o que se quere mostrar.

— Mas por que imagina tal, gentil feiticeira?

— Os adivinhos não costumam revelar o seu processo de trabalho, mas eu vou abrir uma excepção. 1.º, o seu sorriso é demasiado moço; 2.º, que o prende esta troca de banalidades que não costumam interessar os velhotes; 3.º e último, porque é excessivamente amável. E agora que já o prendi demais, adeus Sr. Doutor...

— Valentim de Morais, para a servir minha senhora.

— Valentim de Morais?!, exclamou estupefacta. Desculpe o meu estouvamento em estar para aqui a brincar, tirando-lhe o seu precioso tempo; é que sou ainda um tanto criança. E uma verdadeira confusão se lhe sentia na voz.

— Conhece-me?

— De nome, apenas. Quem é que não conhece os milagres que obra nas suas operações? Perdoe-me, pois.

— Não, minha amiguinha, eu é que lamento o meu gesto e lhe devo agradecer.

Cansado pelo excesso de trabalho, estava sentado à minha secretária sem disposição para nada, e o seu riso sadio e a sua voz harmoniosa passou e, creia, sinto-me outro.

Foi como se se abrisse uma janela em uma sala escura e um raio de sol penetrasse e a aquecesse.

E' o poder da graça. A voz feminina possui um fluído maravilhoso. Vê, sôbre mim actuou como nenhum calmante...

— Uma nova terapêutica, então, Sr. Doutor?!

A voz era ainda risonha, mas a garotice extinguira-se com o respeito inspirado pelo nome célebre.

— Não, minha amiga, é já vèlhinha de séculos, e ai daquele que julgando-se forte tenta subtraír-se ao seu encanto e fechar-se feroz e solitário.

O convívio é quási tão preciso ao homem como o pão para a bôca...

— Adeus, Sr. Doutor. Creia que me sinto feliz em saber que o distraí um pouco das suas graves preocupações.

— Adeus, minha amiguinha desconhecida; teria muito prazer se de quando em vez se quisesse lembrar que há um homem solitário que lhe agradeceria como uma mercê a graça de volver a ouvir a sua voz e o seu riso juvenil.

— Promete-me que o fará?

— Não o ousarei talvez... mas prometo tentar.

— Registo a promessa.

— Adeus, Sr. Doutor.

— Adeus fada da alegria.

O telefone desligou. De novo o Dr. Valentim de Morais descansou a fronte sôbre as mãos, mas as suas preocupações eram agora outras, um sorriso bailava nos seus lábios, e os olhos grandes e belos fulgiam com todo o brilho da sua mocidade reprimida. Recordava docemente a gentil desconhecida, mas súbito uma ruga de receio lhe vincou a testa alta e aindo lisa e monologou apreensivo:

Que loucura, meu Deus! Surge uma garota de voz gracil e eu, tão reservado habitualmente, deixo-me arrastar pelo encanto despretencioso que dimana... E' talvez a lei da vida que desperta em mim: Deus formou Adão e, achando que a presença de uma mulher lhe era indispensável, criou Eva. Daí data esta atracção de sexos a que até hoje me tenho subtraído, mas sinto agora, pelo alívio que actuou sôbre mim em a escutar, a solidão pesar-me como fardo demasiado para os meus ombros. Só agora compreendia o que sentia, mas receio. Bem quisera subtraír-me a êste encanto que me entontece; espero que reagirei e readiquirirei a paz. Foi um sonho, nada mais... Encolheu os ombros, e, sorrindo, enlevado na recordação da conversa, murmurou: o futuro a Deus pertence... Concentruo-se um pouco, e agora bem disposto começou a escrever.

Passaram dias após dias, mas o atarefado Doutor não mais esquecera a voz argentina e atraente.

Conseguira — quem nele o havia de esperar — interrogar hàbilmente o velho Dr. Proença, e saber assim quem era a rapariga da voz de oiro.

Soube quem era, e não se contentou. A enfermidade agravava-se e não resistiu a vê-la, e então subiu ao auge a obsecação em que vivia, pois não ousava esperá-la tão encantadora.

Vinte anos sòmente! — pensava, procurando dissuadir-se — mas logo o coração lhe respondia: tens trinta e dois apenas, procura ser feliz.

5, 10, 20 dias decorreram, e não mais a voz dela procurara chegar-lhe aos ouvidos, e vendo aí uma prova de desinterêsse, continha-se, embora a muito custo.

Chegou a noite de Natal. Em casa do Dr. Valentim a mesa esta posta a primor. Convivas só dois: êle e a vélha Verónica, que, a-pesar-dos protestos, era obrigada a comer nesse dia ao lado «do seu menino».

Brilhavam pratas e cristais, velas de côr estavam acesas, o rádio espalhava harmonias apropriadas e, em um ambiente docemente aquecido, a sala convidava à alegria, mas o Dr. Valentim, nervoso e inquieto, não se resolvia a sentar.

Súbito, como tomando uma resolução, dirigiu-se ao seu gabinete e sentou-se à secretária. Teve um escasso momento de hesitação, mas logo a sua mão marcou resolutamente um número no telefone.

Atenderam, e em voz decidida inquiriu:

— A menina Maria Inês está?

— Sim, mas vão agora para a mesa — respondeu a criada.

— Só a demoro nm momento, apenas um recado.

Rápidos instantes passaram, e através do fio surgiu de novo clara e risonha a sua voz inconfundível.

— Está?... quem me deseja falar?

— Eu, Maria Inês. Não me reconhece!

— O Sr. Doutor!...

— Não cumpriu o que prometeu, e eu reclamo o que me deve.

— Como soube?...

— Depois, por agora diga: por que não telefonou?

— Não ousei, afirmou com sinceridade.

— Porquê?

— Porque não é uma pessoa idosa. E' singularmente novo. Se o fizesse, que pensaria de mim?

— Que cumpria o prometido. Também V. é mais linda e mais nova do que eu imaginava, e ouso falar-lhe.

— Viu-me então, Sr. Doutor?!

— Viu-me então fada da alegria?!

O riso de ambos misturou-se moço e contente.

— Sabe o que lhe queria pedir, disse por fim, venho rogar-lhe que me formule, com a sua linda bôca, votos de um feliz Natal.

A mesa está posta, tudo pronto, e só hoje me pesa e me esmaga a minha solidão. Se me desejar ventura, senti-la-ei.

— Quem me dera ter êsse poder — volveu comovida — mas desejo-lha, creia meu bom amigo, tão grande e completa como para mim própria.

Vá comer a sua ceia, e não duvide que o meu pensamento estará consigo repetindo: Boas-Festas! Alegre e feliz Natal!

— Obrigada minha amiguinha. Tem de me dizer àmanhã como passou o seu; não a demoro mais. Bom apetite e festas venturosas.

— Até àmanhã, meu amigo:

Boas-Festas! Alegre e feliz Natal!

A ligação foi cortada, e não acreditariam, se lho dissessem, tanto os velhos colegas como os turbulentos alunos, que o sábio e grave operador beijara, comovido, o bocal do telefone!

Levantou-se radiante e, ao entrar na sala de jantar, gritou alegremente:

Vamos Verónica, ceêmos agora; e, abraçando-a contente, exclamou, relembrando:

Boas-Festas, minha vélha!
Alegre e feliz Natal!

Zita de Portugal.

"VITÓRIA,,

um Salão de categoria para a Sociedade Vimaranense.

ARTE E BELEZA

Permanentes-Pintura-Platinados

Todos os trabalhos executados por métodos científicos, empregando aparelhos ultra-modernos.

(1050) Rua de S. Dâmaso, 83-1.º Guimarãis — Telefone, 4426

Jornais, Revistas

(Modas e Bordados)

Vendem-se

1078 na Casa das Novidades

A' Margem das Exposições de Pintura de Guimarãis

O Pintor José Távora e a sua 2.ª Exposição na Sala de Turismo

José Augusto Távora, expõe pela 2.ª vez nesta cidade e cabe aqui dizer-se que hoje nos revela ter feito certos embora relativos progressos. Este Artista, oriundo do sul do país, tendo feito a sua educação artística na Escola de Belas Artes de Lisboa sob a proficiente orientação de consagrados Mestres, honra de certo modo os pintores da sua geração como destacado representante da sua escola de pintura.

Tendo estagiado em Paris, seguia uma tradição que ainda hoje vive e se obstina em constituír o melhor sonho de quási todos os Artistas sem distinção de nacionalidade. Ali, na capital da Arte, pôde pela observação atenta das grandes obras primas enriquecer o seu espírito e obter seguros conhecimentos da técnica de pintar, firmando ainda o seu estilo próprio pela freqüência das academias livres onde beneficiou do ensinamento e do convívio dos melhores Mestres e dos Artistas dêsse tempo que não vai longe.

De regresso à Pátria — e aqui temos nós um mal que tem feito sossobrar muitos valores — não encontrou o necessário acolhimento e assim dir-se-ia que num ambiente sáfaro não vingaram os esforços e a competência do que tinha tôdas as probabilidades de vencer.

Em plena pujança da vida e do talento vem êste Artista para o Minho onde deixando-se, ao que supomos, tomar do desânimo que lhe causara a... escassa cortezia duma sociedade com quem houvera de tratar e ressentindo-se das primeiras rajadas do vento da adversidade, furta-se ao convívio quási de todos e vive como que isolado no coração desta província onde durante muito tempo a alacridade, a riqueza extraordinária da paisagem não conseguem despertar a sua letargia que não seria mais que o efeito de possíveis e permanentes vicissitudes. Mas êste Artista que o é inegàvelmente, homem de rara honestidade e de espírito bonacheirão, reaparece agora disposto a prosseguir no caminho interrompido, iniciando um regresso na pintura ou seja como que um novo período de aprendizagem, digamos, no que tem sido e bem merece ser acarinhado.

Dêste modo o Pintor está hoje consideràvelmente mais senhor dos seus antigos recursos do que estava àcêrca de três anos quando pela primeira vez, no Pôrto, tivemos a honra de o conhecer e isto após o longo espaço de tempo em que deixara de pintar. Agora é a encantadora paisagem minhota quem feiticeiramente o acaba de tomar e o domina na prometedora afirmação de que o Artista com ela se familiarizou, o principal tema da sua pintura. Mesmo à volta de Guimarãis a encontra pouco se deixando tentar pelos motivos da nobre arquitectura citadina que tanto têm merecido as atenções dos outros. E' que José Tavora é um emotivo que encontra nesta esplendorosa paisagem do Minho, na beleza aromática da sua vegetação e na suavidade da sua luz todo o embevecimento da sua alma que procura exteriorizar nas graciosas telas que ora nos apresenta. Como tal o Artista sente a beleza dos trechos arquitectónicos, cuja reprodução a frio se torna mais eficiente quando aliada a um interêsse documental. O Artista procura «realizar pintura» através um tema que vai bem ao seu temperamento — a paisagem — e sofre como todos os Artistas honestos quando tal não consegue. A honestidade dos seus meios é a sua principal virtude e a sua pintura, seja em que grau fôr, garante-se artística como materialmente a si própria, não correndo o risco de que percam, como tantas vezes aconteceu, aqueles que a adquiram por compra.

Que nos perdõe o Artista Távora, se atingido na sua modéstia, a ligeira referência que aqui lhe fazemos e em que visamos acima de tudo a sinceridade.

Por nós, mantemos a acalentadora esperança de que há-de vencer e é êsse o nosso exclusivo desejo.

Joaquim Teixeira.

V. Ex.ª na Confeitaria Colonial encontra fiambre IZÍDORO

Rua da Raínha GUIMARÃIS

Chumbo para caixões funerários

VENDE: *A J. Ferreira da Cunha* Praça D. Afonso Henriques, 38 GUIMARÃIS

Câmara Munic. de Guimarãis

EDITAL

Fernando Manuel de Castro Gonçalves, Licenceado em Ciências Biológicas e Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Guimarãis:

FAZ SABER, para conhecimento dos interessados, que durante o mês de Janeiro do próximo ano de 1946, devem ser solicitadas tôdas as licenças respeitantes a bilhares, registo de cães, de reclames e publicidade, de bombas de gasolina e ocupação da via pública, de harmonia com os Regulamentos contidos nos editais já publicados por esta Câmara, e bem assim as licenças de taberna, licenças para caçar, licenças de uso e porte de arma de caça, registo de estrangeiros, e licenças de ovelhas e cabras.

E, para constar, se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume desta cidade e concelho.

Paços do Concelho de Guimarãis, 15 de Dezembro de 1945.

O Presidente da Câmara,

Fernando Manuel de Castro Gonçalves.

GUERRA AO FRIO

Malhas, muitas malhas, camisolas de lã, blusas de lã, casacos de lã, meias e peúgas de lã. O melhor e mais completo sortido para homem, senhora e criança. Não compre sem ver os preços da *Camisaria Martins a Casa das Meias.* 1035

REPARAÇÃO DE CANETAS DE TINTA PERMANENTE 1076

entregue na Casa das Novidades

FRUTAS em compota

1084 na *Confeitaria Colonial*

Rua da Raínha Guimarãis

GABARDINES E TRINCHEIRAS

(MARCA EAGLE)

Impermeáveis, de corte elegante, tintos garantidos. 1033

Não compre sem ver o sortido da *Camisaria Martins a Casa das Meias.*

1074 AGENDAS

de GABINETE e ALJIBEIRA

Blocos-Memorandums para 1946

compre na Casa das Novidades

Casas para venda

2 juntas na Rua Nova;
1 na Rua de S. Dâmaso;
1 em S. Francisco;

Um bairro de casas próximo da cidade.

1060 *Informa a «Auxiliadora»*

Rua da Raínha, 70 — Telef. 4470

VENDE-SE a propriedade de Fortuinhos, na freguesia de S. Tomé de Abação. Para ver e tratar na Casa da Vista Alegre — Abação. 1021

Meias para apanhar

malhas à máquina, recebem-se e preparam-se na Avenida Conde de Margaride, Fábrica de Meias, que mudou do Campo da Feira. 980

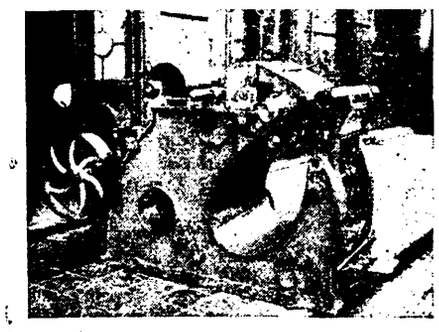
Guarda-livros

Com longa prática e dando referências, aceita lugar efectivo ou escritas nas horas vagas.

Informa: Farmácia de Regilde — Felgueiras. 1081

ALVARÁ

Compra-se de teares manuais ou mecânicos, de algodão ou mixto, assim como contingente. 1089



P. & Maia, L.ª

Construtores Mecânicos

GUIMARÃIS

Telefone 4430

ESPECIALIDADE:

Máquinas para a Indústria de Curtumes e Pentes.

Rolamentos — SOCIEDADE SKF LIMITADA

Representada em Guimarãis por P. & MAIA, L.da

918

Indústria Têxtil 1053

Lançadeiras Inglêsas

de "Cornel"

Fabricam-se de todos os modêlos mediante amostra

Lançadeiras para teares automáticos

Fabricam-se em Cornel — Persimnon ou Hydulignum

Correia Tira-taco Inglêsa

Correias de transmissão — Óleos sulfunados — Produtos químicos

MOTORES ELÉCTRICOS

Pedidos a

Bernardino Jordão, F.os & C.ª, L.da — Guimarãis

CAMIONAGEM

Transportes de Carga e Mudanças

BARCAGENS e Despachos

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

JOVE DE MELLO & C.ª

Casa fundada em 1882

RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67

PÔRTO

Telefones 73 e Estado 57 — CORREIO Apartado 12

AUTOMÓVEIS - FOURGOUNETTES

CAMIONETES

Carrosseries completas dos modelos mais modernos.

Reparações em motores e todos os trabalhos de mecânica.

Soldaduras a autogénio.

Trabalhos que executa com garantia e seriedade

A NOVA REPARADORA 1066

Rodrigues, Ramos & C.ª

Rua de Donãis — Rua João de Meio — GUIMARÃIS

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA

(REGISTADA)

Correspondentes Bancários

Depositários de Tabacos e Fósforos

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão

Produtos da CUF -- Adubos, enxofre, etc.

Revendedor da Sociedade de Produtos LACTEOS

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Chás — Papelaria — Perfumarias

Mercearia fina Colonial. Sortido completo em Miudezas. Armazém de Mercearia anexo de

Francisco Pereira da Silva Quintas

Lêde e assinai o «Noticias de Guimarãis»